



Em busca do irmão desaparecido: entre a presença e a ausência

Márcia Moreira Custódio¹

Resenha de:

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

A obra de Chico Buarque, *O irmão alemão*, suscita um conjunto de reflexões e hipóteses concernentes tanto ao trabalho artístico e intelectual do autor, que faz da própria vida uma obra de arte, quanto às relações de sua obra com questões de ordem políticas e sociais. A partir do ponto de vista dos valores simbólicos do conteúdo, a investigação de sua obra oferece matéria expressiva para se pensar na relação identidade do brasileiro e construção de memória, devido à leitura das imagens que se valem da emaranhada linguagem de presença e ausência, na qual o eu do artista se confunde com o coletivo, num jogo contraditório de mascaramento do plano pessoal e social.

Nesse jogo, a palavra irmão presente no título traz um repertório de significados que designam desde “irmãos consanguíneos” a “companheiros de guerra”. Tal ambiguidade encontra lastro em toda a obra, com vistas a um procedimento experimental estético da linguagem por parte do autor. O que se evidencia é uma complexa experiência no plano pessoal do artista transportada para a ficção, frente às homônimas presentes na obra, conduzindo a uma leitura realista e referencial, calcada em elementos factuais, como cartas, fotos e nomes, que remetem diretamente à vida do autor. Tal como um historiador, Chico se apropria de registros documentais para escrever a História/história.

Contudo, percebe-se que essa construção ultrapassa a vontade de narrar uma experiência pessoal factual, uma vez que a elaboração do texto literário, pelo seu valor estético transgressivo, permite imprimir as contradições presentes na realidade a partir da construção de um mundo simbólico. Compreende-se, portanto, que a leitura desse texto

¹ Doutoranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professor EBTT do Instituto Federal de Tocantins *Campus* Avançado Formoso do Araguaia. E-mail: marciamcustodio72@gmail.com

literário não só advém de um valor externo, mas ultrapassa-o para dar lugar a uma leitura de uma ordem social, voltando-se criticamente sobre si mesma.

Nesse sentido, pode-se ler criticamente a construção dos nomes dos personagens diante da postura de cada um perante o contexto retratado na narrativa. Mimmo, Sérgio e os outros poucos dispersos no texto constituem, com nomes próprios ou cognomes, figuras de um momento crítico na história do Brasil submetidos à visão de Ciccio, narrador protagonista. Chico Buarque autor e Chico (Ciccio, Francisco) narrador, configurando-se como os donos da história, emergem supostamente como detentores da verdade, calcados no registro documental. Alguns eventos de natureza histórica, porém, sinalizam para a ambivalência e manipulação da construção dos fatos.

Conduzidos por Ciccio, o leitor transita pelos fios do factual e do ficcional. A homonímia autor/narrador emerge repleta de incoerência quando se está diante de um protagonista que revela uma postura de indiferença frente a uma conjuntura política de tensão e sobressalto. A decisão de Ciccio em realizar uma busca incessante pelo irmão alemão constitui motivo de distanciamento da sua própria história, afastando-o da luta e do comprometimento com as questões políticas de seu país. Enquanto seu pai e o irmão brasileiro vivem uma prática de luta contra o sistema de repressão, o protagonista anda envolto em leituras de livros de poesia, faz pesquisa sobre o nazismo e anda no enalço do irmão alemão. O emblemático conceito da expressão “irmãos germanos”, apresentado como epígrafe do quarto capítulo, transforma-se em tensão quando se observa a contradição na descrição feita pelo narrador sobre sua aparência.

Durante toda a narrativa nota-se a frieza no relacionamento entre Francisco (Ciccio) e Domingos (Mimmo). Se Mimmo traz nos lábios, na estatura e na cor os traços do brasileiro, Ciccio apresenta a aparência de um europeu. Ainda que Mimmo não seja um intelectual de vastas leituras, é para seu quarto que vai Maria Helena – um nome duplo emblemático -, o grande amor de Ciccio, chegando a perder até as amizades para o irmão. Mimmo está nas portas das escolas, nas ruas, vivendo os amores e as aventuras da realidade. Em todo lugar Ciccio sente a presença do irmão brasileiro, por isso inveja seu charme, seu carisma e o amor e admiração que os pais lhe dedicam. É pelo desaparecimento de Mimmo que o pai morre e a mãe, de origem italiana, enlouquece. O capítulo 16 evidencia o desinteresse de Ciccio em reencontrar o irmão brasileiro desaparecido, em cuja narrativa percebe-se o prazer que sente em envelhecê-lo, torná-lo feio: “encaneci, embranqueci por completo sua cabeleira, não satisfeito abri entradas, arranquei tufos, deixei-o careca, o amarelei um pouco e o enviei para o vidente” (p. 198). Com os aplicativos do computador, ou seja, utilizando um recurso tecnológico, Ciccio

tornava seu irmão brasileiro cada vez mais diferente, ao passo que se mantinha sempre em contato com o irmão alemão. Nem mesmo a biblioteca do pai, fonte histórica, o protagonista deu conta de manter, ao passo que ao irmão alemão coube parte da herança do pai. Se ao longo da narrativa o nome de Mimmo aparece, isso acontece de forma esparsa e já no final da obra. Sobre Mimmo não há cartas, nem registros, tampouco seu nome é mencionado antes da metade do livro, ao contrário do que se observa sobre o irmão alemão, cuja presença envolve a obra, desde cartas à fotos.

O interesse de Ciccio se volta para o distante e o estrangeiro, seja na literatura, na música, na política. O irmão alemão, Sérgio, vive tranquilamente em seu país, mas é insistentemente visitado por Ciccio. Irmãos de luta e de sina, porém separados por espaços e tempos diferentes, Mimmo e Sérgio, o irmão alemão, vivem a tragédia e a barbárie do regime político da ditadura. No entanto, ao contrário do seu irmão alemão, Mimmo tem sua história apagada. O narrador, na voz legitimada em primeira pessoa, prioriza a história do irmão alemão, da dedicatória ao desfecho.

Dentro dessa possível leitura, a narrativa da obra *O irmão alemão* permite pensar o percurso da construção da História do Brasil, especialmente a do período da ditadura que, nos livros didáticos, fica restrito à simples descrição cronológica ou burocrática do período, numa impressão sem profundidade, dentro de uma perspectiva mais descritiva do que analítica.

Nota-se, portanto, que, como Ciccio, a História oficial desapareceu com os registros mais contundentes do período da ditadura, ou seja, a imagem de Mimmo continua sendo manipulada pela tecnologia e entregue aos 'videntes'. Mas, ainda que a História se recuse a procurar o irmão brasileiro, a literatura amiúde aponta sua existência, através de uma linguagem que imprime as contradições da realidade, voltando-se criticamente sobre si mesma, dentro de um movimento dialético, por carregar em si marcas e limites que remetem a sua inserção no sistema contra o qual quer falar.

Ao trazer à tona o problema de um passado de repressão ainda tão nebuloso na história do Brasil, Chico Buarque reacende, numa linguagem expressiva que condensa em sua forma e conteúdo a imagem da ausência e presença, a discussão sobre ditadura, identidade e construção da memória histórica nacional. Entre a memória e o esquecimento, *O irmão alemão* impõe o desafio da natureza da leitura crítica: a desconfiança diante de qualquer totalização que a História pretenda dar conta. Comprometido com a história, o livro se sobressai por condensar com destreza força temática e construção de linguagem.